



O SENHOR D. PEDRO II, IMPERADOR DO BRAZIL.

D. Pedro II d'Alcantara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga, imperador do Brazil, nasceu a 2 de Dezembro de 1825.

O seu imperio immenso, recortado de rios caudalosos, e constantemente coberto de uma vegetação maravilhosa, que vae debruçar-se no oceano sobre as novecentas leguas de costa que possui, é hoje considerado como o ponto central da civilização do Novo Mundo, pelo modo com que soube, depois de declarada a sua independência, como colonia portugueza, constituindo-se em monarchia debaixo da forma representa-

tiva, conservar e honrar a sua constituição, que é uma das mais antigas que se conhecem.

O imperador é filho de D. Pedro I d'Alcantara, o immortal D. Pedro IV, ao qual succedeu em virtude da acta de abdicção por este publicada em 7 d'Abril de 1831. A 23 de Julho de 1840 foi declarado maior; coroado a 18 do mesmo mez do anno immediato; e casou a 30 de Maio de 1843 com a princeza D. Thereza Christina Maria, nascida a 14 de Março de 1822, irmã do rei das Duas Sicilias.

D'este casamento tem sua magestade imperial duas filhas, que são:

VOL. II. — 4.ª SERIE.

OUTUBRO, 30, 1858.

C. M. L.
G. M. L.
DE L. J. DOS
OLIVEIRAS LENSES

A princeza D. Isabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga, nascida a 29 de Julho de 1846, que tem o titulo de princeza imperial, como herdeira presumptiva da corôa.

A princeza D. Leopoldina Thereza Francisca Carolina Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga, nascida a 13 de Julho de 1847.

Os primeiros annos do reinado do imperador não foram felizes. O Brazil estava ainda bastante inculto para comprehender a nobreza do logar que tinha de occupar entre as nações civilizadas: tanto mais, porém, a anarchia lhe manchou as paginas da historia, quanto mais gloria resulta ao imperador pelo estado de pacificação e de prosperidade em que hoje se vê aquelle magnifico imperio, cujo destino está, mais do que o d'outras nações, evidentemente ligado com o do monarcha.

A antiga etiqueta portugueza, tão cheia de prejuizos, tinha-o, por assim dizer, prisioneiro no seu palacio. A sua saude, em extremo debil, mais fraca se tornava pela falta absoluta de exercicio; e o joven monarcha apresentava um typo de timidez e receio, que, não sendo filho senão do quasi completo isolamento em que o faziam viver, poucas esperanças dava aos que com elle contavam para a gloria futura do paiz; mas a natureza, longo tempo contrariada pelos prejuizos d'essa etiqueta absurda, que parecia tender a crear fora do contacto dos homens quem mais devia conhecê-los para bem os governar, mostrou enfim que D. Pedro II era digno d'occupar o throno.

E de facto, D. Pedro II é, na verdade, feliz ao contemplar, do alto do seu throno, o progresso geral e rapido do imperio, que parece florescer de anno para anno, grato á cultura que da sua intelligencia tem recebido.

As primeiras difficuldades, que tornaram pouco felizes os primeiros annos do seu reinado, appareceram em 1840.

A 23 de Julho o conselho de regencia foi dissolvido; e sendo a maioria de D. Pedro II proclamada antes da epoca legal, d'ahi tiraram os espiritos turbulentos e ambiciosos assumpto para a agitação que se manifestou quasi em todo o imperio.

Depois d'esta desordem, que por momentos ameaçou a corôa brazileira, o progresso não tornou a ser interrompido, nem contestada a soberania do monarcha. Salvo alguns tumultos das provincias, originados apenas por vaidades particulares, ou prejuizos nacionaes, como, por exemplo, o odio contra os estrangeiros; ou pequenas escaramuças com os indios cavalleiros—raça selvagem que primeiro possuiu aquelle solo—nenhum outro incidente perturbou a paz do Brazil.

Quasi trinta annos de um reinado justo e equitativo tem já assegurado ao imperador brilhantes paginas, não só na historia brazileira, mas tambem no grande livro dos destinos humanos, onde os vindouros hão de admirar todos

os que, á maneira do senhor D. Pedro II, tem sabido comprar, por mais justos titulos que os do seu alto nascimento, o amor dos nacionaes, e a admiração e respeito dos estranhos.

EXPEDIÇÃO DE VASCO DA GAMA.

Conclusão.

Por fim o çamorim, irritado do desprezo de Gama, confiscou-lhe as mercadorias, e prendeu-lhe os dois feitores. Debalde pediu o almirante satisfação d'esta injuria; decidiu-se pois ás represalias. Atacou o primeiro navio que chegou ao porto; fez prisioneiros seis naires com o seu respectivo sequito; e mandou soltar velas, na esperança de que o rei, assustado com aquella dissimulada partida, restituiria as mercadorias e os feitores para resgatar os prisioneiros. O exito foi tal qual elle esperava; pois que apenas se viram os navios á vela, o çamorim lhe enviou a bordo um encarregado, para lhe expressar a surpresa de que prendesse os seus nobres sem offensa alguma da parte d'elles; e dava-lhe a sua palavra de honra de que restituiria as mercadorias, e soltaria os dois portuguezes, que unicamente retinha para os encarregar das cartas que queria mandar a seu irmão el-rei D. Manuel. Confiado n'esta promessa voltou Gama para o ancoradouro, e no dia seguinte vieram os dois feitores com as cartas do rei, e um official, que lhe disse, em nome do çamorim, que podia deixar alguém em Calicut para tratar os negocios de Portugal, e vender as mercadorias que se não reenviavam a bordo porque esperava se negociassem vantajosamente. Gama respondeu que mudara de resolução em quanto ao residente; e que se o çamorim de Calicut queria soltos os seus nobres, deveria sem demora mandar-lhe as mercadorias. No dia seguinte Monzaïda veio a bordo muito sobresaltado, e pediu que o trouxessem para Portugal, porque a amisade que nos tinha mostrado o impossibilitava de poder viver com segurança em Calicut. Acrescentou que os arabes haviam excitado grande agitação na cidade; que com diversas calumnias tinham movido o çamorim contra a nossa gente; e que elle proprio tivera grande difficuldade para poder fugir. Gama tomou-o sob sua protecção, dando-lhe todas as possiveis provas de amisade e generosidade. N'esse mesmo dia vieram as mercadorias para bordo, conduzidas em sete embarcações. No entanto, resolutos o almirante a trazer para Portugal os seus prisioneiros, disse aos encarregados de lh'os pedirem, que tendo sido enganado por tão vis artificios olhava aquella nação como um povo sem fé, e sem honra; que se lhe não haviam restituído todas as mercadorias; mas que não tendo tempo de examinar as que lhe faltavam, não entregaria os prisioneiros, que conduziria a Portugal para lhe servirem de testemunho jun-

to a el-rei D. Manuel, e convencimento dos insultos que elle seu almirante e embaixador soffrera da parte do çamorim, instigado pelos mercadores arabes. Depois d'esta declaração, mandou disparar a artilharia para incutir terror nos animos dos de Calicut, que logo fugiram em grande consternação.

Ainda que o rei se enfureceu com este altivo proceder, viu-se forçado a abafar o resentimento, porque todas as suas embarcações estavam então desarmadas; como, porém, os ventos contrarios retivessem ainda os nossos por algum tempo na costa, mandou vinte embarcações ligeiras, bem tripuladas de homens e armas, contra o Gama. Baldada lhe foi a expectativa porque o temporal dispersou-lhe a esquadilha; e os nossos, aproveitando um vento favoravel que sobreveiu, depressa perderam Calicut de vista.

O almirante, no primeiro porto em que tocou, deu liberdade a um dos prisioneiros, encarregando-o de uma carta para o çamorim. Queixou-se n'ella dos perigos que sua vida correu exposta ás tramas dos arabes; mas accrescentou que a despeito de taes conjurações conservava a maior veneração por sua magestade; que empregaria todos os seus esforços a estabelecer entre o principe e o rei de Portugal uma alliança que seria em reciproca vantagem; e emquanto aos nobres que trazia prisioneiros, lhe assegurava, sob sua palavra de honra, que seriam tratados com as devidas atenções, e que um dia regressariam ao seu paiz natal.

Gama na volta para a Europa fez-se de vela para as ilhas Anchedivas; antes porém de tocar n'ellas foi atacado por sete embarcações que pertenciam a um pirata por nome Timoia, intrepido marinheiro, e mui temido n'aquelles mares. Foram os piratas constringidos á fuga, deixando em nosso poder um navio, carregado de mantimentos. O almirante, para calafetar as naus, bastante damnificadas pela violencia do tempo, abordou a uma das Anchedivas, que são em numero de cinco, a distancia de quatro milhas da costa. Grandes mós de povo accorreram á praia para verem os estrangeiros, e com aquelle povo veiu o primeiro ministro e confidente do rei de uma ilha visinha, chamada Goa, principe habil, poderoso, e cheio de coragem e ambição. Este ministro procurou o Gama da parte de seu amo, complimentou-o em lingua italiana, e disse-lhe que o seu rei, informado da reputação do almirante, estava disposto a prestar-lhe todos os serviços que podesse; e se carecia de provisões, armas, ou dinheiro, podia francamente pedir.

Gama, captivado do ar gracioso d'este homem, admirou a facilidade com que se expressava, e a precisão e promptidão com que respondia ás suas perguntas. Contou elle que era italiano de nascença, e fôra tomado mui moço pelos piratas, quando se dirigia á Grecia com os seus parentes; que depois de uma serie de infortunios, perdida a esperança de tornar a ver seu paiz

natal, entrara no serviço de um principe mahometano. Fez depois varias perguntas que pareceram mostrar curiosidade artificiosa e pouco commum; de sorte que o almirante principiou a suspeitar d'elle; e tanto se afirmou n'esta conjectura, que ordenou se lhe lançasse mão, para ser convenientemente interrogado. Sairam justificadas as suspeitas, porque o preso confessou ser polaco de nascença e judeu de religião; e que tendo o rei de Goa designios de atacar as naus portuguezas, o enviara a descobrir suas forças e modo de combater. Depois d'esta confissão, ordenou Gama que se desse á vela, e conservou prisioneiro o judeu, que por fim se fez christão, com o nome de Gaspar, e prestou muitos serviços a D. Manuel em varias occasiões.

A esquadra continuou sua viagem; mas sobreveiu-lhe tão grande calma que muito tempo se passou antes de poder chegar á costa d'Africa. A primeira praça que descobriu foi Magadoxa, povoada de arabes. Gama bateu a cidade com a sua artilharia, e metteu a pique e destruiu todas as embarcações que estavam no porto. Foi depois atacado por oito navios arabes, que derrotou, e aprisionaria se tivera vento para os perseguir.

Finalmente chegou ao porto de Melinde, onde da primeira vez recebera tantos testemunhos de amizade; e ahi lhe forneceram refrescos para a gente que bem trabalhada vinha de doenças e fadigas. Receiando encontrar grandes difficuldades em dobrar o cabo de Boa Esperança, se a estação avançasse, não se demorou mais de cinco dias em Melinde, d'onde trouxe um embaixador. Estava por tal forma diminuido o numero da sua tripulação, que não lhe chegava para a manobra das tres naus; ordenou, portanto, que se queimasse aquella em que ia seu irmão, que era a mais velha, e vinha em peor estado, e repartiu a gente d'ella pela sua embarcação e a de Nicolau Coelho.

A 27 de Fevereiro passou na ilha de Zanzibar, cerca de oito leguas do continente, e ahi achou grandes rebanhos, pastando em fertil terreno, abundante de fontes de excellente agua, coberto de preciosos e odoriferos bosques. O principe d'esta ilha, apesar de mahometano, recebeu o nosso almirante mui hospitaleiramente, e proveu as naus de fructos e provisões frescas. Gama continuou a seguir a costa, passou por Moçambique, fez aguada e provisões de combustivel em S. Braz; mas o vento não lhe permittiu tocar nas paragens onde deixara os degredados. A 26 de Abril dobrou o Cabo, d'onde se dirigiu á ilha de S. Thiago. As duas naus separaram-se depois por uma violenta tempestade, e Nicolau Coelho veiu directamente aportar em Lisboa; Gama, porém, foi constringido a velejar para a Terceira, porque seu irmão, que havia muito tempo vinha enfermo, já não podia soffrer o balanço do navio. Ahi se finou; e o almirante, depois de prover ao seu enterramento com a devida e possivel decencia,

deu a vela para Lisboa, onde chegou no mesmo anno de 1499. Coelho já tinha feito uma circunstanciada relação da viagem, e el-rei a um e

outro recebeu com grande alegria, repartindo por ambos as recompensas e provas de estima, de que se haviam tornado merecedores.

F. D. D'A. E ARAUJO.



O CORCOVADO.

Como é altivo e arrogante!

A nuvem afaga-lhe a fronte, murmurando-lhe ao ouvido os arcanos de Deus; a onda do oceano lambe-lhe a base; admira-o em roda uma cidade inteira!

O *Corcovado* é um rochedo, que todos os dias merece as honras de ser visitado.

Com os pés no fundo do abysmo, o gigante, debruçado sobre o oceano, eleva lá entre os vapores do ceo a fronte coroada d'um parapeito d'alvenaria, onde o viajante passa um dia inteiro julgando-se mais perto de Deus que dos homens; porque lhe parece a terra um simples phenomeno de miragem; e a solidão da altura, povoada pelos pensamentos que inspira, um mundo inteiramente novo de harmonias e de luz!

Ir ao *Corcovado* é, por assim dizer, um dever do viajante europeu na provincia do Rio de Janeiro: é uma especie de santa romaria que não deixa d'alcançar-nos certas indulgencias, tanto pelo muito que nos custa o caminho, como pelo sentimento de adoração que nos commove na presença da grandeza do Creador, cuja bondade sublime nos protege n'aquella altura prodigiosa em que o tufão podia levar-nos como a uma folha.

O caminho do *Corcovado* é, em alguns pontos, bastante ingreme; o governo mandou dulcificá-lo quanto era possível; e hoje, em lugar d'um trilho escarpado e perigoso, existe uma

estrada larga, aqui levemente inclinada, ali mais difficil, aberta de modo que apoz grandes declives acha sempre o viajante um plano menos inclinado, como que em compensação. Até certo ponto a estrada é em espiral: depois, formando differentes angulos na face da rocha, acaba n'uma ladeira que conduz ao cume da montanha.

Quanto mais se sobe, mais ha para subir! *Estamos quasi...* diz de quando em quando uma voz no centro da caravana. E meia hora depois, a mesma voz repete as mesmas palavras; e outra meia hora depois ainda não ha esperanças de chegar! Felizmente em alguns pontos, distrahe a imaginação a belleza do caminho. Para-se insensivelmente, porque se sente o pensamento absorto na contemplação de infinitas maravilhas.

Chega-se ao sitio chamado das *Paineiras*, onde ha gigantes arvores, cujos ultimos ramos quasi se perdem de vista no espaço, e são de tal modo entrelaçados que formam uma espessa abobada, sob a qual ao meio dia ha sempre sombra delectavel.

Do cume d'este rochedo, tudo parece um quadro em miniatura. A cidade parece um quadrosinho bordado a missanga; a bahia, uma bacia de barbeiro; e a barra, um pedaço quebrado na borda da bacia. O *pão d'assucar*, a for-

midavel pedra que admiramos ao entrar a barra, é, d'ali, um verdadeiro pão d'assucar egual aos que vemos nas vidraças das confeitarias!

O Corcovado está representado na nossa estampa com admiravel exaetidão.

A BATALHA DE ALCACER-QUIBIR

E A PERDA D'EL-REI D. SEBASTIÃO.

O manuscrito de que principalmente extrahimos a narração da batalha de Alcacer-Quibir, foi copiado fielmente da bibliotheca real de Madrid, durante a viagem que fez aos archivos de Hespanha por ordem da academia real das sciencias, o monsenhor José Joaquim Ferreira Gordo. Intitula-se « Descripcion de las cosas sucedidas en los reynos de Portugal desde la jornada que el rey D. Sebastian hizo en Africa hasta que el invictissimo rey catolico D. Philippe II deste nombre N. S. quedó universal e pacifico herdero dellos, con la conquista de la Tercera por el Licenceado Diogo Queipo de Sotomaior. »

Na sua dedicatória ao conde de Barajas, o autor declara que estivera em Portugal antes que partisse a expedição de D. Sebastião, e que depois permanecera em Lisboa durante a vida do cardeal rei. Pelos documentos importantes que publica, parece-nos provavel que fosse familiar de algum dos embaixadores, e que estivesse envolvido nos acontecimentos d'aquella notavel epoca.

Colligimos diversos trechos de obras manuscritas, e de livros raros, no intuito de projectar nova luz sobre este quadro historico, que as paixões e ignorancia do tempo cobriram de calculadas sombras.

«Terça-feira vinte e nove de Julho começou a marchar com o seu exercito em volta da cidade de Alcacer-Quibir, n'esta ordem. Ia D. Christovão de Tavora, valido de el-rei, mestre de campo do terço de aventureiros, na vanguarda, que eram quatro mil fidalgos, e nunca quizeram mais ordem que a que o seu mestre de campo lhes dava: ao qual seguiam o duque Thomaz Stuckli (*) com o seu regimento de tudescos e alemães com alguns italianos. Apoz estes foram n'este dia tres mil castelhanos, a cargo de D. Affonso de Aguilar o qual ainda que moço, era valente soldado, pois tal mostra deu do seu esforço. Iam em batalha dois mil gastadores,

(*) Equivoca-se aqui o chronista. Os tudescos, em numero de quatro mil, eram commandados por Martim de Borgonha, senhor de Tamberg, e os italianos que eram seiscentos commandava-os não o duque mas o marquez de Lenster Thomaz Stukeley inglez de nação, mas catholico romano. Veja se a Jornada de Africa de Hieronimo de Mendonça (edição de 1783) e as Memorias d'el-rei D. Sebastião— parte IV, livro II, cap. VIII. No «Portugal Cuidadoso e Lastimado do padre José Pereira Bayão chama-se ao marquez de Lenster marquez de Hibernia Thomaz Esternuile.

com alguma gente africana, e a mais gente inutil, bagagem, e mil carros carregados de bem poucas picas e arcabuzes, com alguns cosoletes e botas de agua, e outras coisas de bem pouco proveito. Compunham a retaguarda tres terços de portuguezes, cujos mestres de campo eram D. Miguel de Noronha, Vasco da Silveira, e Diogo Lopes de Sequeira, cujo officio fazia um cabo, porque elle ficara na armada por ordem de el-rei (1). Iam mil homens de armas, e seiscentos ginetes a cargo do duque de Aveiro, os quaes levavam logar assignalado, porque foram sempre soltos do esquadrão com o xarife reconhecendo sempre a terra.

«Sexta-feira primeiro de Agosto mandou o rei parar o campo, e enviou a Arzila quatro companhias de arcabuzeiros, e cincoenta cavallos, para servir de escolta ao capitão Francisco de Aldaña que havia chegado, segundo se entendeu, a dissuadir ao rei da sua ida a Africa, e com uma carta do duque de Alba, e um capacete que havia sido do imperador seu avô, o qual vindo ao exercito e beijando as mãos ao rei, moveu-se o campo sem que se entendesse haver feito n'elle impressão alguma: cujas palavras foram:

Carta do duque de Alba a el-rei D. Sebastião «Nosso Senhor dê a vossa magestade tão bom successo na jornada e volta a seus reinos, como vossa magestade deseja e seus criados e servidores desejamos: todavia parece-me que com determinada vontade quiz vossa magestade passar a Africa sem dar-me d'isso aviso: praza a Deus que succeda como deseja vossa magestade, que as coisas não mui consideradas costumam ter varios effeitos. Vossa magestade attenda a que leva o inimigo consigo: e que a Africa é terra plana, e não boa para postos: e assim ter-se-ha conta com melhorar de sitio, reforçando sempre a retaguarda com gente pratica e destra: a batalha com manga solta de arcabuzeiros: a artilheria em logar forte e bem assentada: o accommetter com cordura: o esperar com animo e esforço: e d'onde vossa magestade está escusado será o aviso, aonde o ha de sobra. Ahi envio um capacete, que foi do imperador meu senhor, que esteja em gloria. Nosso Senhor dê a vossa magestade o prospero successo, que todos desejamos. De Madrid vinte de Junho de 1578 (2).

«Foi dando o rei com o campo tantas voltas que ninguém entendia a derrota que levava, porque umas vezes dirigia-se a Alcacer, outras vezes a Larache, até que afinal caminhando chegou aonde se descobriu o inimigo que foi domingo tres de Agosto, antes de chegar ao rio de Alcacer; mostrando alguns moiros querer travar es-

(1) Diogo Lopes de Sequeira adoeceu á partida e o seu terço ficou a cargo de seu irmão Pedro de Sequeira, debaixo da coronelaria de Vasco da Silveira.

(2) Esta carta vem transcripta em portuguez no Portugal Cuidadoso e Lastimado (Livro V, cap. IX) e em hespanhol na Historia Sebastica de frei Manuel dos Santos (Livro II, cap. XXXIII).

caramuça houve logar para que Muley-Nassan se reunisse ao nosso campo com alguns alliados e pessoas principaes, de quem se soube ao certo a pujança do inimigo, e de como para o outro dia estavam concertados dez mil cavallos a passar-se para a nossa parte ao seu xarife, que eram estes em quem elle tinha posta a sua esperanza. Foram estes moços bem recebidos d'elle e do rei: o qual logo, sem aguardar nada caminhou e chegou ao rio que se chamava.....(1) com mais segurança do que se esperava, porque o inimigo de industria se não mostrou em defesa do passo, nem fez coisa alguma, pois se passou sem dar embaraço aos nossos esquadrões. Pareceu ao rei ser aquillo mostra do terror, que lhe tiveram.

« Alojou-se o exercito aquella noite no limite do rio, não com pouco contentamento do rei, e de todos, por ver que quasi sem resistencia se haviam apoderado d'aquelle sitio, que sempre entenderam ser o mais difficultoso trance.

« No outro dia pela manhã na segunda-feira quatro de Agosto se descobriu de todo o inimigo, e apresentando a batalha, foram alguns do parecer que se lhes desse, porque o inimigo se ia refazendo, e lhe iam entrando sempre muitas bandas de cavallos, e alguma infantaria: ainda que D. Antonio de Portugal filho do infante D. Luiz, o duque d'Aveiro, e o capitão Francisco de Aldaña, foram de contrario parecer, e que não se passasse o rio, porque o Moluco estava mui mal, e como lhes havia dito Muley-Nassan se cria que não havia de viver dois dias, e que morto elle ficaria a guerra acabada ou pelo menos haveria mais esperanza de a acabar com facilidade: e pediram-no ao rei com muita efficacia, por ser o rio a sua principal defesa, e ficando quedos produziram mais effeito.

« O rei reprovando esse parecer com uma brevesza não vista, levou a mão á espada, e cortando as cordas da sua tenda, mandou levantar o acampamento, e passou o rio, e começou a formar os seus esquadrões por esta maneira. Fez a frente dos terços das nações, pondo á mão direita o terço do marquez de Stuckli, estendendo a sua manga de arcabuzeiros pelo costado, e logo no meio o terço de portuguezes aventureiros (2), que vinham ao mando de Christovão de Tavora, e os moiros amigos e portuguezes africanos. A' mão esquerda iam os castelhanos de D. Affonso de Aguilar, por cujo costado ia outra manga de arcabuzeiros. Poz-se a artilheria adiante com bem pouca guarda: collocou-se em esquadrão uma fileira de cincoenta mosqueteiros que não se encontraram mais: iam na bata-

lha a bagagem e carros com um terço de portuguezes: iam na retaguarda os tres terços de D. Miguel de Noronha, de Vasco da Silveira, e Diogo Lopes de Sequeira bastante mal armados de chuços, e alguns arcabuzes. Iam á mão direita o duque de Aveiro e o xarife com os seus cavallos que era o logar por onde se havia mostrado o inimigo.

« Vendo todos a determinação de el-rei, approvando o seu parecer lhe disseram que desse a batalha, e sabe Deus se todos sentiam o contrario. Porém a deliberação de el-rei nem soffreu bom meio, nem proveitoso conselho, e assim começou a caminhar em busca do inimigo que não estava menos desejoso da batalha que cubiçoso do despojo que a nossa desordem lhe promettia. Formou os seus esquadrões n'esta forma. Poz toda a sua cavallaria, que seriam oitenta mil em forma de meia lua, porque é este o seu costume de pelejar. No meio da meia lua, e um pouco adiante, a sua artilheria. Vinha na retaguarda o rei Moluco, em cuja guarda vinham até vinte mil infantes todos atiradores, ainda que alguns com umas lanças curtas de arrojar intercalados com renegados, e moiriscos andaluzes, porque de outra maneira não ousavam fiar-se d'elles. Vinham em fileira de dois e dois sem ordem alguma.

« Ao lado direito pela parte de fora d'estes vinham dois mil cavallos arcabuzeiros. Ypaizes, azuagos e alguns andaluzes a regimento do Dogali dos moiriscos da rebellião do reino de Granada, natural de Orxiba, logar do duque de Sessa: e n'esta ordem vieram cerrando e encerrando em si nossos esquadrões por todas as partes, e d'esta sorte accommetteu, jogando a pouca artilheria que nos dois exercitos havia, fazendo o inimigo notavel damno nos nossos, de maneira que a gente bisonha, que era a maior parte, se atemorizava de sorte que pouco mais damno fôra mister para que o dessem bem a entender. Não folgou a nossa porque disparando com a maior violencia que se pode, fez no inimigo o damno que depois se entendeu, que não foi pouco, e bem o pareceu porque logo se abriu este esquadrão, de maneira que com isto, e a arremettida que logo os nossos fizeram, fugiram os inimigos, perdido o campo, porque postos em fugida, deixaram quasi toda a artilheria havendo-se antes arremessado a ella o duque de Aveiro com a cavallaria que foi o que os rompeu: pararam os nossos, ou por juizo secreto de Deus, ou porque não advertiram em seguir as primeiras filas os demais, de modo que se proseguiram como começaram, os inimigos iam de sorte que só com esta arremettida se acabaram. Vendo o Moluco esta tão subita fugida dos seus esquadrões com incrível colera mandou a Braz Solimão renegado andaluz seu estribeiro-mór, desse ordem para que aquelles bandos de cavallos arcabuzeiros arremettessem contra os nossos, pois a nossa artilheria havia cessado, por se haver a nossa cavallaria collocado diante d'ella, ao arremetter:

(1) Está inintelligivel a palavra: é naturalmente o ribeiro Mocasim, de que falla Jeronymo de Mendonça.

(2) Era capitão dos aventureiros Christovão de Tavora, mas por se não apartar d'el-rei deixou por seu logar tenente Alvaro Pires de Tavora seu irmão e adjunto João da Silva—Portugal Cuidadoso e Lastimado (Livro v, cap. viii.)

os quaes com um ruído de arcabuzeria infernal, vieram sobre o terço dos castelhanos, que como dito é, estava á mão esquerda parado, porque não havia com quem pelejar, com tal violencia que matando grande parte dos que estavam nas primeiras fileiras, com pouco damno dos seus, volveram a retirar-se.

« N'este tempo o valoroso rei não estava ocioso, porque demais de não ser de coração que soffresse deixar de metter as mãos em tudo e os fidalgos que com elle estavam, lhe persuadiram que arremettesse, e não permittisse que o duque de Aveiro só levasse a gloria d'aquelle vencimento, porque pareceu acabar-se aquella gente com a arremettida que havia feito, por haver posto em fugida muita parte dos inimigos, que é certo alguns não haverem parado até Fez, dizendo que não ficava moiro vivo. Arremetteu pela parte que se achou, que foi a manga solta dos castelhanos, sobre os quaes e sobre elle vindo aquella infernal bando de cavallos arcabuzeiros, de que os seus sem qualquer resistencia fugiam, volveram a re-remeter de maneira, que mataram a maior parte d'aquelle manga de arcabuzeiros castelhanos, e tornaram a retirar-se com inaudita presteza, para o grosso dos seus esquadrões. Não folgava o valoroso duque de Stuckli com o seu terço, porque com o de aventureiros portuguezes, haviam arremettido dando todos boas mostras do seu valor, occupando e affrontando a artilheria inimiga.

« Tornaram os nossos a arremetter outra vez apertando aos inimigos de maneira que fizessem a alguns voltar as costas, ferindo o ar com alaridos: isto foi causa que o rei Moluco entendera (pois outra vez fugiam os seus) serem perdidos já todos, e deu-lhe um sobresalto com um desmaio que o privou da vida: tornando-se a metter na sua carruagem, porque assim como estava se havia posto a cavallo, para com a sua presença animar os seus, que tanta necessidade tinham d'isso. Vendo Braz Solimão seu estribeiro que os seus andavam quasi vencidos, parecendo-lhe que se a morte do rei se soubesse pelo campo seria causa de sua total perdição, metteu a cabeça na carruagem, fingindo que fallava com o rei seu senhor, e voltou ao exercito, bradando em altas vozes: « Manda el-rei nosso senhor se torne a arremetter por todas as partes sem que nenhum esquadrão falte.

« Feito o signal para isso de todas as partes, voltou o Dogali com os seus azuagos e Ypaizes, e o Zarco natural de Gua... dos moiriscos da revolta do reino de Granada, com a sua infantaria de renegados e andaluzes, e grandissima quantidade de outros muitos que até então tinham estado de parte, porque nunca os renegados creram que os mais se deixariam de perder: e arremetteram tão impetuosamente, disparando tão grande copia de arcabuzes e fazendo tão grande ruído que parecia que tudo vinha abaixo. Haviam-se os inimigos refeito da anterior retirada, e formando um esquadrão quadrado disparando sem cessar e revolvendo-se sem-

pre, affrontaram os nossos; não parava o ruído das arcabuzadas, que foi causa do principio da nossa perdição, porque antes que estes sobreviessem, os nossos, como já se disse, levavam a melhor na batalha porque esteve um espaço de tempo suspenso tudo, sem que se encontrasse ninguem com quem pelejar.

« Vendo-se os nossos tão apertados d'estes esquadrões que com tanta desigualdade os combatiam, e vindo da retaguarda uma e inconsiderada voz de retirar, começaram a recuar diante da artilheria os terços de tudescos e aventureiros, deixando o seu general morto, fugindo e dando as costas, e apoz elles toda a cavallaria, que havia ficado, a qual desbaratou e rompeu os nossos esquadrões, caindo uns sobre os outros: e se começou a reconhecer a perdição deveras, sem que nos nossos houvesse mais resistencia. Os moiros accometteram com um impeto infernal com todas as bandas de cavallos que por toda a parte nos tinham cercados, vendo que já de todo se fugia, e entrando juntos pelos nossos, e aos que fugiam iam ferindo, e tão inconsideradamente atropelavam, como já disse, os seus proprios amigos, fazendo-os rodar pelo campo, quebrantando-se, e afogando-se uns aos outros com desordem e confusão nunca vista. N'este tempo, sem que de nenhuma maneira se soubesse como fosse, pegou fogo á polvora, e se abrasou, fazendo notavel damno nos circumstantes, queimando muitos que olvidando honrosas obrigações estavam miseravelmente encolhidos debaixo dos carros.

« Estava o duque de Barcellos filho do duque de Bragança com alguns cavalleiros seus vassallos, e com pouco mais ou menos duzentos infantas dos seus, que por ser menino o guardavam, sem se encontrar no recontro, e vendo a ruina do exercito, quizeram-no salvar, porem reconhecendo-o os inimigos, e o que perdiam perdendo-o, apertaram com os seus guardas de maneira que os fizeram a perder o seu senhor, e a vida a alguns.

« Havendo já os inimigos colhido em meio nosso corpo, entravam e saiam por elle, fartando cruelissimamente de sangue christão a sua sede insaciavel: matando aos que queriam e escolhendo para captivos aos que melhor lhe pareciam, sem encontrarem nenhuma resistencia. Ditoso, n'aquelle occasião, era o bem composto de membros, que pela boa estatura salvava a vida, mais que por força de armas, que não podia com ellas defendel-a.

« O infelicissimo rei vendo o desbarato total e perdição de todos, sem que elle com as ameaças, e exhortações podesse fazer que volvessem a pelejar, com a espada na mão, e a cabeça sem armadura, com a cara cheia de poeira, e a barba e dentes cobertos de terra, acompanhado de treze ou quatorze cavalleiros que com elle tinham ficado, se metteu pelos inimigos com tão grande valor, como até hoje de outro principe se não mostrou, fazendo n'elles o maior estrago, que

de tão poucos cavalleiros se podia esperar, abrindo os esquadrões por onde passavam, como se dez mil cavallos fossem. Não bastou a diligencia de tão poucos cavalleiros, nem o valor que todos tinham, e ahí mostraram para resistir ao infernal impeto de inimigos já vencedores, porque seguindo a sua victoria entraram todos pelos nossos, até cortarem á espada a maior parte d'elles, e os outros levaram-n'os a miseravel prisão.

«Desapparecendo o pendão e os que o seguiam, e o rei, que nunca se entendeu nem se soube nova certa da sua morte, por causa de não ficar vivo nenhum dos que o seguiam: até que passados seis dias, trouxeram um corpo a Alcacer-Quibir, aonde o reconheceram alguns portuguezes e disseram ser o seu rei, ao qual o novo rei Muley Mahomet cobriu com uma capa, mandando-o á cidade de Ceuta.»

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

INDIA PORTUGUEZA.

DEMONSTRAÇÃO DE VARIOS SUCCESSOS DAS ARMAS LUSITANAS, MODERNAMENTE HAVIDOS NA INDIA ORIENTAL.

Continuação.

A primeira acção que obrou o marquez de Castello-novo, depois da sua posse, foi obrigar ao rei Sunda a entregar ao estado a praça e provincia de Pondá em refens do dinheiro, que devia por ter faltado á satisfação dos tratados concluidos com os seus antecessores. Por este meio pretendeu fechar as portas, que tinham os maratas em todo tempo abertas para as invasões dos dominios da corôa de Portugal. Vendo-se o Sunda consternado a cumprir com as obrigações do seu encargo, industriosamente prolongou esta execução, incitando talvez (presupposta a demora) romper o estado guerra com o bonsuló, dando principio pela escalada da praça de Alorna (da qual tomou o marquez o titulo) seguindo-se logo Rady, Tiracol, Neuty e outros logares mais. Com estas perturbações ficaram sopitos os negocios do Sunda.

Não foram porém bastantes semelhantes cuidados para se descuidar o marquez de guardar os gattes com tropas do estado (quando se lhe fazia preciso) por serem certas veredas para os caminhos das montanhas de Pondá. Deixo em silencio os procedimentos d'esta campanha pelos ter já escripto outra mais bem aparada penna: nomearei só alguns varões que muito se distinguiram na escalada da praça de Alorna, como fossem D. Luiz de Pierrepont coronel dos batalhões, general da provincia de Salcete e do exercito, ferido de uma bala de mosquete na perna, e com metralhas de granada na cabeça fora das portas da cidadella: — Vicente da Silva da

Do num 42.

Fonseca sargento-mór e commandante do regimento velho, que lhe substituiu o commando das tropas: — Miguel Pereira de Sampaio, capitão de granadeiros com portaria de sargento-mór da infantaria, morto de uma bala de mosquete ao pé da porta: — Antonio Mourão de Miranda, capitão de granadeiros destinado para a escalada das obras exteriores da praça: — Francisco de Lima da Silva, capitão de granadeiros destinado para a primeira escalada da cidadella: — O capitão Pedro de Alvino — Pedro Martins — D. Diogo Fernandes de Almeida — José Manuel de Carvalho — Thomaz Antonio de Figueiredo e seus subalternos, que bem se distinguiram em proezas que obraram, saindo d'ellas feridos João de Arronches, e Alexandre Antonio de Sousa Pereira. Os voluntarios, que assistiram á escalada da praça foram o capitão de mar e guerra da cidade de Goa, e conselheiro do estado Bernardo Carneiro de Alcaçova que trocou o bastão por uma arma de soldado granadeiro, mortalmente ferido e sem perder os creditos de perfeito militar — O capitão de mar e guerra Francisco da Cunha — Ricardo Pereira Pinto que ficou coxo de uma bala de mosquete, que recebeu n'uma perna — Manuel Pereira Pinto, seu irmão, gravemente ferido, e todos estes naturaes da India — O mar e guerra Luiz Henriques — Antonio José de Mello — José de Almeida da Silva — Francisco da Costa — Francisco de Mello de Castro — Antonio de Brito Freire — Antonio de Figueiredo Dultra — general do mar, D. Pedro de Noronha — Luiz Gomes Coelho, aggregados á companhia de granadeiros — João Manuel Azambuja, ferido de uma bala de mosquete na face, que passou á outra parte. Não deixarei de fazer aqui menção de frei Francisco de São Diogo, chamado o *Comprido*, religioso de São Francisco, e capellão-mór d'aquelle exercito depois de haver sido padre da sua provincia, e n'ella graduado, que obrou n'esta occasião tão luzidas acções, que distinguindo-se no valor, deixou ao estado perennes memorias para ser celebrado o seu nome, assim no esforço com que pelejava, como na grandeza de animo com que instigava aos soldados á corrente obrigação, que tinham de defender a fé de Deus Verdadeiro, a corôa do seu rei, e o bem commum da patria. Outros muitos religiosos da mesma ordem perderam as vidas com credito, honra e valor, da nação portugueza.

Continua.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, STAMBUL, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguém julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.